



Diretório Estadual PT-RJ

7º Congresso Estadual PTRJ
Resolução da Secretaria Estadual de Mulheres PTRJ
19 e 20 de outubro de 2019

As mulheres petistas reunidas, em plenária, no 16 de outubro de 2019, na sede do Partido, aprovam a seguinte resolução:

O movimento feminista voltou a ser uma força política relevante no mundo. Liderou movimentos democráticos e a conquista da consciência das mulheres para a importância da nossa ação política. Pelo menos nos últimos dez anos, as mulheres protagonizaram a luta em diversos países. Nas ruas, nas redes, na cultura, no trabalho, nos espaços de poder, nos fazendo refletir que estamos vivendo a quarta onda feminista.

Desde o início desta década, vários movimentos, protestos e/ou mobilizações reforçam esta perspectiva de que as ideias feministas e as mulheres têm sido acolhidas: a participação das mulheres foi fundamental nas manifestações tunisianas que culminaram na Primavera Árabe; a Marcha das Vadias¹, em contraposição ao discurso de que as mulheres não devem se vestir como vadias, para se protegerem de potenciais estupradores; o movimento Ni Una a Menos,

¹ O movimento Marcha das Vadias surgiu no Canadá, batizado de Slutwalk. O movimento surgiu porque, em janeiro de 2011 na Universidade de York, um policial, falando sobre segurança e prevenção ao crime, afirmou que "as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias, para não serem vítimas de ataque". A reação de indignação foi imediata, pois esse pensamento transfere a culpa da agressão sexual para a vítima, insinuando que, de alguma forma, é a vítima que provoca o ataque.



na Argentina, que mobilizou a América Latina contra o feminicídio; as manifestações contra a proibição total do aborto na Polônia; a Marcha das Mulheres contra Trump; a força das últimas convocatórias para o 8 de março, a partir do chamado mundial iniciado na Argentina e reforçado nos EUA, por uma Greve Internacional de Mulheres; estes são exemplos desse processo. Mas, existem muitos outros.

É nítido que as mulheres têm tomado uma projeção internacional. Seja na luta contra o patriarcado, a cultura do estupro, as diversas formas de violência, o direito sobre o seu corpo e sua sexualidade, por trabalho digno, por liberdade e democracia - ainda que a história nos negue - colocando as mulheres no centro da política em seus países.

No Brasil, a Primavera Feminista e a Marcha de Mulheres Negras, de 2015, foram marcos para a entrada das mulheres nesta nova onda feminista no país. Vimos eclodir em escolas, universidades, comunidades e favelas, coletivos feministas organizados por jovens com uma forma nova de pensar e vivenciar o feminismo. Nas ruas ou nas redes sociais elas afirmam que o feminismo é revolução. A partir da Primavera Feminista, nos atos contra Cunha, depois na luta contra o golpe e na defesa da democracia, no Fora Temer com suas “recatadas e do lar”, as sementes deste movimento elegeram na esquerda várias mulheres país afora. Aqui no Rio, a principal expressão deste acúmulo é Marielle Franco, vereadora assassinada há aproximadamente 580 dias, sem que a justiça tenha sido feita. Há uma necessidade latente de que companheiras comprometidas com a emancipação das mulheres estejam nos representando no parlamento.



Nas eleições de 2018 percebemos isso mais uma vez, quando o PT ousou lançar a candidatura de uma mulher feminista ao governo do Estado, assim como uma nominata com 08 candidatas a Deputada Federal e 14 a Deputada Estadual. Olhando para o campo da esquerda e para além do PT, é inegável o avanço na representação das mulheres, particularmente das mulheres negras, que se elegeram em quantidade nunca antes vista na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

O processo eleitoral de 2018 foi fundamental para que centenas de milhares de mulheres liderassem uma gigantesca manifestação nacional contra Bolsonaro, na mobilização #EleNão. Naquele momento, elas já percebiam que um homem que flerta com fascismo governaria com esta premissa. É inegável a perseguição às mulheres, ao povo negro e indígena, à população lgbtqi+, à cultura, ciência e tecnologia e à educação deste país.

Apesar de Bolsonaro e seu lumpesinato, o número de mulheres eleitas para as Câmaras Legislativas mais do que dobrou em relação à legislatura anterior. Em um cenário tão aterrorizante, é fantástico que a luta das mulheres tenha se fortalecido: no PT elegemos 10 Deputadas Federais, 21 Deputadas Estaduais e uma governadora - a única no Brasil. Se o conservadorismo cresceu no mundo, a organização das mulheres para combatê-lo também se faz presente.

Isto, no entanto, não significa que devemos ou podemos subestimar a força de nossos adversários. Devemos compreender que a construção



de uma ampla resistência democrática à altura dos nossos desafios somente será possível se conseguirmos identificar e catalisar a enorme energia transformadora já reunida na luta das mulheres até aqui. Reconhecendo isso é que a Secretaria Nacional, em parceria com as Secretarias Estaduais de Mulheres, formulou e lançou o Projeto Elas por Elas, em 2018, e garantiu a aplicação dos 30% do Fundo Especial de Financiamento de Campanha para as candidatas Mulheres, mesmo com a resistência interna dos homens do Partido, contrariados com mais recursos para as candidatas a fim de viabilizar campanhas competitivas. Neste sentido, é importante compreender que o fortalecimento da Secretaria de Mulheres, através dos 5% do Fundo Partidário, reforça a participação do PT nas lutas e mobilizações sociais, no acúmulo e formulação de políticas públicas e na organização partidária, atuando sempre na transformação da sociedade, numa perspectiva socialista e democrática e nos recoloca a ideia de Partido-Movimento.

Isso nos dá condições de formular e aprovar um calendário de atividades ao longo do ano. Contudo, não é o suficiente diante das demandas de organização interna e de participação do movimento de mulheres e feminista. É necessário que a Secretaria de Mulheres tenha estrutura, logística e militância para que possa capilarizar a sua atuação. Igualmente, e, sobretudo, as Secretarias de Juventude e Racial devem ter a mesma condição. Através da Juventude, oxigenamos o Partido de ideias, formas e participação. Assim, como entre os negros e negras, rompemos com o racismo institucional e estrutural.



Em 2020, será um ano fundamental para o Partido e para o país. É necessário que o Partido esteja organizado e mobilizado. E entendemos coletivamente que a Secretaria de Mulheres pode contribuir para um levante do PT na sociedade e no Partido e também para a construção de um programa mínimo para a sociedade.

A classe trabalhadora mudou. É cada vez mais heterogênea, e nenhum Partido de esquerda sobrevive se não tiver em seus pilares as mulheres, as jovens mulheres e as mulheres negras, sobretudo. Por isso, a paridade, as cotas raciais e geracionais são ferramentas que garantem a representatividade das mulheres, da juventude e dos negros. E elas precisam ser reivindicadas e reconhecidas como um importante instrumento de fortalecimento da nossa democracia interna. As mulheres, as jovens e as negras não podem mais ser tratadas numa relação de subalternidade política e de representação no PT. Isto nos enfraquece na relação com as bases sociais e no entendimento externo de sermos um Partido atrativo para esta parte da população.

Pra terminar, quatro elementos precisam estar no nosso horizonte:

1. a Campanha pela liberdade de Lula deve ser inegociável para o Partido e para as Mulheres. Na democracia, no Estado democrático de direitos, os direitos das mulheres têm mais chance de serem preservados e temos mais condições de, ao fazer inflexões, conquistarmos mais direitos. As políticas públicas para o enfrentamento a violência contra a mulher e ao feminicídio, problemas que atingem majoritariamente as mulheres negras, e



as políticas para romper com o ciclo da violência, se tornam mais palpáveis na construção de um novo pacto civilizatório no qual não haja machismo e misoginia, que são instrumentos de opressão, dor, morte, violência e encarceramento, este último, mais uma vez, vitimando preferencialmente a população negra brasileira. Portanto, o restabelecimento da democracia neste país, que foi duramente golpeado em 2016 quando Dilma Vana Rousseff é retirada de forma vil da Presidência da República, passa obrigatoriamente pela liberdade de Lula e pela defesa intransigente dos direitos de todas as mulheres, com ênfase nas mulheres negras, pela sobreposição das desigualdades de gênero e raça.

A Campanha Lula Livre no Estado do Rio de Janeiro, em especial na Capital, vem sendo construída em função do esforço e determinação da militância petista.

2. São vários os comites CDDL e Coletivos que tem o Lula Livre como foco.
3. A Direção Estadual, agora eleita, deve assumir a tarefa de contribuir e estimular a Campanha, principalmente, formar o Comitê Estadual Lula Livre com os partidos políticos de oposição e os movimentos sociais comprometidos com a resistência democrática e a liberdade de Lula.
4. Em 2020, além das eleições municipais, acontecerá no Brasil a XV Encontro Nacional Feminista, previsto para Pernambuco. O XIV Encontro foi em 2004, em Porto Alegre. Ou seja, durante todos os



governos petistas (Lula e Dilma) as feministas e o movimentos de mulheres entenderam que era hora de fortalecer as políticas públicas e através delas criar autonomia financeira, intelectual e psicológica para as mulheres. Mas, agora, diante da atual conjuntura e de tantos ataques e retrocessos, é mais que necessário defender a democracia, e a liberdade das mulheres. Igualmente, em 2020, também será realizado a V Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres e a nossa mobilização e participação são fundamentais para a defesa do legado de tudo o que foi construído nos Governo Lula e Dilma no âmbito das políticas para as mulheres.

5. Ainda sobre 2020 e as eleições municipais, é importante lembrar que legalmente não haverá mais coligações proporcionais. Portanto, o PT terá a obrigação de preencher com, no mínimo, 30% de mulheres, a composição da sua chapa de vereadores. Vale a pena lembrar aqui que, em resolução interna, o Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras se compromete a assumir a paridade entre homens e mulheres em todas as suas instâncias de representação: 50% para cada sexo. Este é um horizonte a ser perseguido.

Em 2018, segundo pesquisa realizada por universidades nos EUA e Reino Unido, divulgada pela BBC News Brasil, revela que 35% das candidaturas de mulheres não receberam 320 votos². A prática de

² Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47446723>



Diretório Estadual PT-RJ

usar candidaturas laranjas para burlar a Lei de cotas não é exclusiva do PT, que apresenta 11% nesta pesquisa. É um costume em todos os Partidos. Por exemplo, o PSOL apresenta 27,1%, o PCdoB 31,1%, PSL 15,9%.

Depois do PED Municipal o PT estará organizado em 56 municípios e é preciso firmar um compromisso de que este artifício não será usado. A nossa cor é vermelha e não laranja. O TSE/TRE já avisou que este tipo de fraude será minuciosamente fiscalizado nos Partidos.

Em 2020, também será o primeiro ano que nas eleições municipais teremos o fundo partidário e o fundo eleitoral para as mulheres. É fundamental que o Partido e sua direção compreendam tamanha responsabilidade com a luta das mulheres por financiamento eleitoral e por maior participação política. Contudo, é importante também que as mulheres militantes deste partido, comprometidas com o feminismo petista e o legado de nossas políticas públicas, coloquem seus nomes a disposição do Partido para defender Lula, a Democracia e a vida das mulheres.

Além disso, devemos estar coletivamente comprometidas/os com a recondução da nossa bancada de vereadoras no Estado do Rio de Janeiro, parlamentares incansáveis na defesa de temas cruciais para todas nós, como a cultura, os direitos das mulheres, do povo preto, da população LGBTQI+ - em particular das lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Também é a nossa bancada



que tem se dedicado à defesa das religiões afrobrasileiras, dos trabalhadores e trabalhadoras informais, lutando contra o desmanche do SUS, a mudança na política nacional de saúde mental e contra a reforma da previdência. Nossas vereadoras também travam o bom combate na defesa da educação, com ênfase na crise de orçamento que esta política pública vem enfrentando, na luta contra os cortes, na liberdade de cátedra, na valorização do ensino laico e da educação pública. É importante lembrar ainda, da defesa do ensino privado democrático e regulamentado, uma vez que, quanto mais sucateado o ensino público, mais estudantes migram para o ensino privado. Estas pautas nos desafiam a reorganizar nossa militância para o momento atual.

6. Além do Fundo Eleitoral e Partidário as mulheres têm direito por Lei ao tempo de TV e rádio. Em 2018, o tempo das mulheres subiu de 10% para 30%. O Partido dos Trabalhadores já foi por diversas vezes penalizado pelo não cumprimento da Lei, inclusive perdendo o tempo de TV e rádio. O cumprimento desta Lei abre um novo capítulo na história da democracia brasileira e petista, porque será mais um elemento para contribuir minimamente para que as mulheres sejam realmente candidatas pelo Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras.

Contudo, a visibilidade das candidaturas femininas e feministas do PT não pode estar limitada apenas a estas duas ferramentas. Há outras formas de ocupar a mídia e passa por aprender e saber



Diretório Estadual PT-RJ

utilizar as redes e mídias sociais. O PT precisa preparar uma estrutura que garanta a formação e a nossa inserção nas plataformas digitais.

Por isso, é necessário que a Secretaria de Mulheres e as mulheres estejam na centralidade dos discursos e práticas partidárias, compondo o Grupo de Trabalho Eleitoral na instância Estadual e Municipais e as Comissões Organizativas e de caráter político buscando sempre a paridade entre homens e mulheres, além do cumprimento da paridade nos casos previstos no Estatuto, e não mais nos excluindo dos espaços políticos e de decisão, destruindo as barreiras físicas, psicológicas e de comportamento.

Secretaria Estadual de Mulheres PTRJ